

O HERALDO

Director, proprietario e administrador
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
 RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Redacção, administração, composição e impressão
 TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

BIBLIOTHECAS MUNICIPAES

Na sessão da camara electiva de 8 do corrente, foi apresentado pelo deputado sr. Feio Terenas um projecto de lei, auctorisando as camaras municipaes a instituirem bibliothecas populares com o fim de ministrarem aos estudiosos instrucção mais desenvolvida pela leitura dos livros uteis, litterarios, artisticos e scientificos.

Todos os orçamentos ordinarios das referidas corporações deverão, segundo este projecto, incluir a verba de 200.000 réis nos concelhos de 1.ª ordem, e de 100.000 réis nos de 2.ª, para acquisição de obras, expediente da bibliotheca, etc. Para os concelhos como o nosso, que já possuam bibliothecas, serão as mesmas importancias applicadas á preparacão de museus municipaes que a estas ficarão annexos. Quando alguns municipios provem que não lhe consente a exiguidade das suas receitas o contribuir para aquelle fim, serão auxiliados pelo Estado, em favor do qual se registrará no orçamento annual uma verba de 50.000.000 réis com destino exclusivo a este subsidio.

As bibliothecas terão os seguintes funcionarios: em Lisboa, conservadores com o ordenado de rs. 700.000, e auxiliares com o de rs. 400.000; no Porto, conservadores com o vencimento de 500.000 rs. e auxiliares com o de 300.000 rs; nos concelhos de 1.ª ordem, conservadores, com 360.000 réis; nos concelhos de 2.ª ordem, com réis 200.000.

Quando as bibliothecas funcionarem em edificios das escolas, e o horario das leituras se harmonise com o horario das aulas, poderão as camaras municipaes encarregar da sua conservacão um professor primario.

Este projecto, que se inspira n'um pensamento altamente civilizador e que muito concorrerá para desbravar a intelligencia inculta do nosso povo, geralmente privada dos meios de se desinvolver e de produzir os fructos opimos da civilisacão que se observa n'outros paizes mais favorecidos com os beneficos de uma ampla cultura mental,—quando virá, porem, a ser sancionado com a approvaçao definitiva das côrtes, n'este meio onde a politica mal entendida absorve quasi universalmente as atencões e esterilisa os mais nobres intuitos de quem deseja bem servir e honrar a sua patria?

Na realidade, o estado d'atrazo da populaçao portugueza, sobretudo da que habita fora dos grandes centros e que forma a sua imensa maioria, é deploravelmente pronunciado: o numero d'analfabetos excede ainda os limites do permitido a uma nação que se preza de marchar na estrada luminosa do progresso social. A ignorancia domina aqui em larga escala na classe popular, até na parte que

se vangloria d'uma illustraçao, que é falsa por carecer d'elementos firmes e seguros. O projecto do sr. Feio Terenas, estabelecendo nos municipios ainda mais sertanejos estes focos potentes da instrucção, dotando-os com os recursos necessarios para se fornecerem de bons volumes, que não seriam por certo romances d'enredo e sem lição historica, mas trabalhos proprios para iniciar o espirito nos grandes problemas que agitam o mundo moderno no anhelos de avançar successivo no roteiro do aperfeicamento intellectual, material e moral, abre perante os olhos da enorme massa uma esplendida projecção de novas noções, de principios e de factos para ella desconhecidos que lhe desafiam a curiosidade e lhe inflamam a anciedade de conhecê-los.

Repetimos:—quando se converterá em lei do paiz esta salutar providencia?

Pelo nosso povo, e especialmente pelo d'esta provincia, desejamos que seja em breve, n'uma das primeiras sessões legislativas.

Companhia de Iluminação e de Viação Electrica do Algarve

Acha-se já effectivamente constituída esta sociedade, a que nos referimos n'um dos nossos ultimos numeros, e que se propõe a estabelecer a viação sob o motor da electricidade de entre Loulé, Faro e S. Braz, apresentando-se tambem ao concurso que para o fim da illuminação pelo mesmo agente tenciona abrir a camara municipal da capital do districto.

O primeiro d'estes objectivos é da maior importancia, porque tende a ligar á estação do caminho de ferro em Faro duas povoações não servidas pela via accelerada, apesar de formarem com aquella cidade o que se chama o coração do Algarve, pela sua mais densa populaçao e movimento. E', portanto, d'esperar que a nova Companhia disponha d'um futuro largamento remunerador, á semelhança do troço ferro-viario d'esta provincia que, sem embargo dos auspicios não promettedores com que foi iniciado, em breve excedeu todas as esperanças, produzindo agora resultados que amplamente satisfazem e superabundam os encargos.

Como empreza particular, não pode exigir das corporações locais nenhum auxilio extraordinario, se bem que já tenhamos ouvido insinuar, muito erradamente por certo, que se lhe attribue a intenção de solicitar das vereações farense e louletana a garantia do juro do capital de réis 300.000.000, com que conta. Erradamente, dizemos, porque nem na camara de Faro existe requisicão alguma a tal respeito, nem a fiscalisacão do Ministerio do Reino concederia a qualquer municipio a outorga de semelhante favor sem compensação possivel, e sujeito a todas as contingencias:—porque este não é o caso das sociedades que exploram uma industria durante um determinado numero d'annos, volvidos os quaes as obras executadas e o material circulante revertem para a estação que lhes garantira a licença. Assim a pretensão a que nos referimos seria descabida e insustentavel em presenca do bom senso.

Nem a Companhia, aberta que seja a linha á exploracão, necessitará sem duvida de quem lhe affiance o regular pagamento dos juros, enquanto se não solver por completo d'essa responsabilidade fazendo o inteiro reembolso do capital havido por emprestimo. A affluencia dos passageiros e das mercadorias a que dará sahida bastarão de sobra para cobrir todos os encargos adicionando ainda uma reeeita liquida assás satisfactoria.

O seu segundo objectivo encontra agora ensejo propicio para começar a realisar-se, disposta como está a camara de Faro a substituir a illuminação publica actual da cidade pelo processo da luz electrida, se se offerecer a Companhia em condições accetaveis para receber a concessão. Em igualdade de vantagens technicas e economicas, entre os concorrentes, parece-nos que lhe deveria caber a preferencia, porque esta representaria a maior coadjuvancão, posto que indirecta, que aquelle municipio lhe poderia dispensar, sem prejuizo dos seus proprios e respeitaveis interesses. Seja isto dito sem o minimo intuito de quererem por forma alguma que as nossas singelas considerações pesem no espirito de quem hade julgar no assumpto; mas nas circunstancias presentes affigura-se-nos de toda a justiça que, em identidade de circunstancias, se attenda principalmente a quem procura melhorar a vida precaria da nossa provincia com as utilidades resultantes d'uma communicacão accelerada entre duas povoações de commercio e industria notaveis e a estação que os porá em mais rapida e barata ligacão com os outros centros algarvios e do resto do paiz. Esta iniciativa é merecedora do maior applauso e por isso de razão é que se lhe confira a maxima demonstracão de sympathia com que sem lesão d'outros motivos possa ser galardoada.

REVISTA DAS ALFANDEGAS

Está publicado o 2.º numero, com este sumario: A pauta em projecto, por L. C.; Guarda fiscal, por Cunha Belem; Technologia Industrial; Pelles e Couros, por A. Paulo; Balanças, por Moraes Carvalho; Elementos de direito aduaneiro, por F. A. Corrêa; Revista de Chimica Industrial; Verificacões aduaneiras, comp. de Rodrigo Guerra; Informaçoes, Secção official, Despachos, etc.

IMPrensa

Com o seu numero de 15 do corrente mez completou um anno de publicidade o nosso collega de Lagos, *Correio do Algarve*. Que conte muitos mais, para que possa cumprir o seu pezado encargo, que é, segundo nos diz, a do saneamento moral da sociedade. Vamos, que não é pouco.

Avisos de interesse publico

E' durante o presente mez de setembro que os contribuintes podem requerer aos escrivães de fazenda a divisão das suas contribuições do anno corrente em quatro prestações, que deverão ser pagas respectivamente nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro.

Continuam a trocar-se nas recebedorias e agencias do Banco de Portugal as moedas de prata de 200 réis anteriores ao actual reinado, inclusivé as commemorativas do centenario da India. O praso para esta troca é até 30 de novembro proximo.

DOIS LIVROS

II
 CULTURA DA FIGUEIRA NO ALGARVE
 POR
 LOBO DE MIRANDA

E' apenas uma tese, feita á pressa e com essa áncia de, concluido o curso, conseguir o diploma, por isso mesmo elaborada com uma leveza de notas que bastante prejudica o trabalho do sr. Lobo de Miranda.

Se na parte que se refere ao estudo botanico e cultura da figueira a documentacão até certo ponto satisfaz, não succede o mesmo, fôrça é dizel-o, quanto ao estudo do fenomeno economico da comercialisacão e industrialisacão dos produtos da figueira, parte em que o sr. Lobo de Miranda se mostra de uma pobreza deploravel, consagrando a esta questao magna apenas seis escassas e fugitivas páginas, quando ella pela sua importancia e interesse devia merecer-lhe a maior atencão e o melhor do seu volume.

Hoje em dia não basta só saber produzir, convergindo os esforços para tirar da terra o maior lucro possivel pelo emprêgo de processos scientificos. Tratar de colocar os produtos obtidos, dando-lhes saida pronta e facil e assegurar-lhes mercados de consumo seguros e garantidos, deve ser tambem uma das principais preocupações da agricultura, diz-nos o sr. D. Luiz de Castro no seu livro *Semente lançada á terra*.

Eu queria por isso que o sr. Lobo de Miranda, que alem de agronomo é ainda um agricultor distinto e dos mais notaveis do Algarve, precisamente explorando a cultura da figueira na parte da provincia onde ella atinge maior intensidade, trouxesse para a sua tese alguma coisa da sua vida intima de lavrador, de observação pessoal e suggestiva, dizendo-nos como o problema da comercialisacão devia ser resolvido, condenando com a fôrça da sua palavra a prática hoje seguida, deprimente e viciosa, causa da depreciação do comércio de figo, e aconselhando como este comércio devia ser orientado e dirigido e sobre que novas bases, racionais, devia ser apoiado para valorizar devéras a produçao da figueira no Algarve.

Assim teria o sr. Lobo de Miranda prestado real serviço á sua provincia, a par e passo que nos teria dado tambem um livro util, cheio de interesse, optimo como livro de propaganda e de ensino, de educaçao mesmo, que na literatura agricola viria colocar-se ao lado do grande livro do sr. Correia Leote, verdadeira biblia do agricultor algarvio!

O Algarve é rico e uma das regiões do paiz das mais privilegiadas pela felicidade sem igual do seu clima prodigo. Entre as muitas riquezas naturais e espontaneas com que conta e com que o ceu generosamente o dotou, o rendimento da figueira não se considera das menos valiosas. Basta dizer que a exportação anual do figo, em média, anda por cerca de 212 contos de réis, afora o figo que se consome na alimentacão publica e o figo que se gasta em destilar para produzir aguardente, o que soma tudo um valor bem mais superior, muito para cima de 300 contos ao todo.

Não ha duvida que é grande a área da cultura da figueira e mui-

tos os paizes produtores de figo, que nos fazem guerra nos mercados estrangeiros e tentam esmagarnos com a sua concorrencia de uma fôrma lamentavel para nós.

Para fazer face a esta concorrencia subjugadora torna-se necessario desinvolver uma açao de combate eficaz, forte e vigorosa, persistente, adotando um plano de campanha consciente e conscientemente estudado para ganhar a confiança dos paizes consumidores e conquistar para os figos portuguezes a sua posse definitiva, proceder em suma como procedem os alemães para a colocação dos artefactos da sua industria. Vencer os adversarios por um fecundo e sabio criterio de disputa deve ser a norma.

Mas n'estes nossos tempos de hoje em que a luta pela vida assume proporções brutais, tão cruéis e profundamente egoistas, uma açao d'esta natureza que pretende suplantir rivais poderosos, dotados de largos meios de defeza e animados de uma grande dose de boa vontade de acertar, tendo a seu lado vantagens que nós não temos e dispoendo de outras armas que não possuímos, com melhor prática da vida, melhor conhecimento do mundo e melhor compreensão dos modernos processos da guerra comercial entre as nações, uma açao d'esta natureza, repito, tão grandiosa e enorme nos seus resultados, não se pôde levar a efeito senão pela vontade firme de uma fôrça coletiva. Uma victória d'estas só se pôde alcançar pelo esforço comum dos agricultores reunidos em associacão ou *sindicatos agricolas*, que se existem no Algarve ninguem sabe para que servem convertidos como estão em centros banais de cavaqueira politica.

Eis porque o comércio de figos no Algarve, reduzido apenas á iniciativa particular que pouco pôde sob o ponto de vista que consideramos, definha arrastado, entregue ás mãos avidas dos agentes intermediarios cuja intervençao é sempre ruinosa para a agricultura, porque salvo honrosas exeções, entre as quais cito com louvor e imenso prazer meu o nome do sr. Manuel Teixeira Gomes, não sendo estes agentes directamente interessados na produçao agricola, pouco lhes importa a sua prosperidade ou ruina, contanto que saiam bem da operacão comercial a que se entregam e encham os seus cofres com o resultado d'ella, visando apenas ao ganho, ou antes de melhor, á ganancia, é o termo.

D'aqui a razão da pouca fortuna do comércio de figos no Algarve, como veremos no numero seguinte.

(Continua)

João Rebolabola.

ESCOLAS MOVEIS

Por iniciativa da commissão local auxiliadora das escolas moveis inaugurou-se ha dias na praia da Luz de Lagos uma escola pelo methodo João de Deus, dirigida pelo professor sr. Manoel Jacintho.

JOSÉ PARREIRA

Este nosso illustre collega do *Correio da Noite* e *Diario de Noticias* regressou de Cintra, onde passou a temporada estival, á sua casa de Lisboa.

Parte brevemente para Londres, onde, a convite das associações inglezas, vae tomar parte no congresso internacional da imprensa como secretario da Associação dos jornalistas e escritores portuguezes.

CURIOSIDADES

Combate na Campina de Tavira

I

Mellos e Peçanhas eram duas famílias fidalgas que assentaram os seus solares em Tavira. Os Mellos eram naturais da villa de Mello, de onde tiraram o appellido. Foi senhor d'esta villa o celebre Mem Soares, que se denominou Mello. Procedem d'este fidalgo os Mellos, alguns dos quaes desceram a Tavira antes do seculo 1.500.

Os Peçanhas ou Pessanhas constituíam outra familia muito illustre, natural de Genova. Passou a Portugal na pessoa de Mister Manuel Pessanha, que foi pedido por D. Diniz para ser almirante do mar n'este reino, emprego que continuou em seus descendentes. Um ramo dos Peçanhas escolheu Tavira para sua residencia.

A alta nobreza de cada uma d'aquellas familias deu motivo a ciúmes mutuos, que degeneraram em guerras continuas.

Em 1.531 eram numerosas aquellas familias, que a si agregaram grande numero de amigos. Pequenas desavenças—escreve Damião de Castro—entre aquellas familias, foram-se agravando mais e mais, com motivos novos, até que se desafiaram, escolhendo a Campina de Tavira para o combate.

Effectivamente n'aquelle anno os Mellos acompanhados dos seus parentes e affieçados entraram na Campina, armados e equipados como se fossem combater mouros ou hespanhoes. Já ali encontraram os Peçanhas igualmente preparados para o combate. Houve uma rude peleja em que valorosamente morreram alguns fidalgos Mellos. Não foi demorado o combate, porque o povo de Tavira teve de intervir, e nem se repetiu, como era vontade dos belligerantes, porque as auctoridades tomaram todas as providencias no intuito de obviar a novos desafios.

Houve processos com o fim de investigar as responsabilidades. O governo d'esse tempo, que até ahí, recommendara sempre os Mellos para constituir as vereações de Tavira, como se vê na vereação de 1.516 em que entrou Lançerote de Mello; na de 1.517 em que entrou Vicente de Mello; na de 1.518 em que figurou Ruy de Mello; na de 1.525 de que fez parte outra vez Ruy de Mello; na de 1.526 em que entrou Manoel de Mello; na de 1.527 de que fez parte Francisco de Mello, não mais recommendou aquelles fidalgos para tal cargo e somente vinte e seis annos depois encontramos na vereação de Tavira João de Mello.

Com relação aos Peçanhas tendo figurado na vereação de Tavira alguns d'estes fidalgos e nomeadamente no anno anterior aquelle combate, em que foi membro da Camara Gaspar Peçanha, somente encontramos um João Lourenço Peçanha na vereação de 1580.

Não foi aquelle combate a unica demonstração do mau viver entre aquelles fidalgos, pois que o visconde de Sanches de Baena no seu livro—*Familias Nobres do Algarve*,—que andando Manuel de Mello e seu irmão Francisco de Mello á caça do açôr nos campos de Tavira, naquella anno de 1531, foram ali mortos por Diogo Peçanha, que por semelhante crime foi preso e morreu na cadeia do Limoeiro. E' possível que aquellas duas mortes e esta prisão dessem causa ao desafio entre aquellas duas familias nobres; se é que o illustre escriptor, o visconde de Sanches de Baena, se não refere ao mesmo facto, narrado por Damião de Castro; o que nos não parece provavel, pois que este escriptor expressamente affirmava que no combate entraram as familias dos Mellos e as familias dos Peçanhas, acompanhados uns e outros dos seus parentes e amigos; ao passo que o fallecido visconde apenas menciona dois Mellos e um Peçanha.

(Continua).

A. O.

Em Las Palmas, na praia de Berzabal um incendio destruiu cem barracas para banhistas.

Jogos floraes na Praia da Rocha

Um dos numeros de maior sensação da serie de festas, que este anno se tem realisado nesta encantadora praia, foi o constituido pelos jogos floraes, que tiveram logar na noite de 15 do corrente.

O mote para este torneio litterario foi o seguinte:

*Por te amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.*

O jury era formado pelos srs. Luiz Mascarenhas, professor do Lyceu de Faro, dr. Côrte Real, medico em Portimão, e dr. Castanho, delegado do Procurador regio em Silves.

A festa começou ás 9 1/2 horas da noite no salão do Casino, que estava bastante animado.

Proclamados os nomes dos poetas, cujas composições foram classificadas, tomaram estes logar no palco, onde já se achava o jury, e armado o throno destinado á que devia ser a Rainha da festa.

Os poetas classificados foram os srs. José Mattos, professor do Lyceu de Faro, que escolheu para rainha a gentil senhora D. Maria

Valentina Negrão; Victor Figueiredo, de Portimão, e Heitor Soares Franco, de Tavira, que escolheram respectivamente para damas de honor as srs. D. Helena Paiva de Andrade e D. Rosa Mendes, as quaes tomaram os seus logares no palco, no meio de grande ovação da assistencia.

As poesias, cuja leitura os seus auctores fizeram neste acto, foram as seguintes:

Do sr. José Mattos:

Hebréa linda, que amei,
Captivo dos olhos teus,
O meu credo abandonei,
Por te amar perdi a Deus.

De Jesus a santa lei
Quiz-te tanto, que esqueci;
Crenças, fé, tudo deixei,
Por teu amor me perdi.

Desprezaste-me sem dó,
Sabendo-me quanto soffri;
Agora vejo-me só...

Bellos sonhos, que entrevi,
Tudo reduzido a pó...
Sem Deus, sem amor, sem ti!

Do sr. Victor Figueiredo:

Um ciúme n'alma trago,
Ciúme não sei do quê;
Sendo tão forte, é tão vago,
Se é bem ciúme, nem sei;
Eu sinto-o porém de tudo!
O sol que brilhante e mudo
Te namora lá dos céus
Faz-me inferno d'esta vida.
Já tenho a alma perdida!
Por te amar perdi a Deus!

E abomino as estrellas,
Se olhas para o firmamento.
Se tu olhas, é p'ra vê-las;
E' já um cruel tormento;
Em apagá-las pensei!
Só p'ra te ter, eu matei
As mais rissonhas esp'ranças
Que nesta alma concebi.
Alegres como creanças.
Por teu amor me perdi!

Até detestei as flôres,
Porque t'as vi adorar;
Invejava ás suas côres
O receber teu olhar.
E quando te disse um dia
Os ciúmes que sentia,
Esta perfeita loucura,
Abriste p'ra mim sem dó
Infinita noite escura.
Agora vejo-me só.

Os meus zelos eram taes,
Que de mim mesmo os senti,
Considerava meus rivaes
Os olhos com que te vi.
O sol, estrellas e flôres
São agora os teus amôres!
Não perdôo o que soffri;

Pois fiquei—oh dor supremal—
Sem Deus, sem amor, sem ti!

Do sr. Heitor Soares Franco:

Trago n'alma a noite escura;
Logo d'amor me perdi,
Desde que, por desventura,
Esses olhos negros vi.
Se é certo que inferno existe,
Lá irei... Peccados meus...
Deixei Deus, mal tu me viste,
Por te amar perdi a Deus.

Rosa que só tens espinhos,
Escuta agora os meus ais...
Mata-me, mas de carinhos,
Não me deixes soffrer mais.
Quem d'amor muito soffreu,
Tem céu e terra por si...
O teu amor me perden,
Por teu amor me perdi.

D'antes sorria me a terra,
O mar prazeres me dava...
Punha longe o amor em guerra
As settas da sua aljava.
Mas alvejado tambem
Em pleno peito, sem dó,
Por soffrer o teu desdem,
Agora vejo-me só...

Não fujas... porque me fuge
A vida. Ser ou não ser...
Antes o céu me despoje
De vista para te vêr.
Sorri... Afasta a má sorte
Do amor que por ti senti.
Não me des apenas morte,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

Finda a leitura foi pelo 1.º premiado lido um soneto de homenagem á Rainha, que um anonymo, *amador das musas*, enviára ao jury para neste acto ser entregue ao destinatario.

Ei-lo:

HOMENAGEM

DEPOIS DE ESCOLHIDA A RAINHA

Sois a Eleita, Senhora,—a Rainha da festa,
A escolhida por mim entre a ala namorada
Que agora constitue vossa corte animada
Por jámais ter, jámais, ventura igual a esta...

E isto é p'ra vós, Senhora, uma honra manifesta,
Ser Rainha escolhida e não o ser sagrada...
Só-lo p'ra gentileza e graça delicada,
Dons a que o nosso amor sua adoração prestat...

Mas se Rainha sois, e o sois por selecção,
Num só reino cabeis—o nosso coração...
Pois que rainha eleita é cousa que não ha...

Nelle pois reinareis—rainha ou presidente—
Sem leis, sem protocolo,—a tudo indifferente...
Excepto ao grande amor que a todas unirá...

Depois d'isto teve logar a quadrilha de honra, em que foi par marcanté o 1.º classificado e a Rainha, e em que tomaram parte 36 pares, terminada a qual se continuou a dançar até tarde.

Além das poesias transcriptas, outras appareceram no concurso, que não foram apreciadas pelo jury, por não terem os seus auctores satisfeito ás formalidades externas exigidas aos concorrentes.

Entre essas tivemos conhecimento das seguintes:

Do sr. Eduardo Garrido:

Eu vivia descuidado,
Sómente mirando os céus,
Vi-te, fiquei enlevado!
Por te amar, perdi a Deus.

Um amor terno, infinito,
Em que a esperanza nos sorri,
De mim só fez um precito,
Por teu amor me perdi!

O teu olhar indifferente,
Que me feria sem dó,
Ternou-me feroz descrente!
Agora vejo-me só!

E sempre triste, sem norte,
Ando a vaguear p'ra ahí,
Maldizendo a cruel sorte...
Sem Deus, sem amor, sem ti!

Do sr. Henrique Vasconcellos:

Ando louco de desgosto...

Loucos são desejos meus;
Só o amar me deu gosto...
Por te amar perdi a Deus!...

Dez mil formosas amei,
Mas com ardor só a ti;
Mas n'esse amor qua te dei,
Por teu amor me perdi.

Dispuz d'alma e coração,
E tudo te dei sem dó...
Mas não me dêste attenção:
Agora vejo-me só.

Sem fé, sem esperanza ter
N'esse amor de que vivi,
A teus pés irei morrer
Sem Deus, sem amor, sem ti.

Outros poetas houve que tambem glosaram o mote do concurso, embora não enviassem as suas poesias ao jury.

D'estas poesias pudemos alcançar a que damos a seguir, cujo auctor, segundo parece, deseja conservar o incognito:

Mal que vi os olhos teus,
Esqueci antigos cuidados,
Não me importaram peccados,
Por te amar perdi a Deus.
Este amor bradava aos céus,
Mas eu a nada attendi,
Só Deus sabe o que soffri
Em lucta com o dever,
Amor conseguiu vencer,
Por teu amor me perdi!

De raiva mordi o pó,
Ao saber me hoje esquecido;
Se out'ora fui teu valido,
Agora vejo-me só...
Como de mim não tens dó,
Nunca mais verei aqui,
Não mais te verei, qual vi
Nesse tempo em que era amado,
Vou carpir meu triste fado,
Sem Deus, sem amor, sem ti!

MERCADOS EM FARO

Voltamos, parece-nos que pela ultima vez, a este assumpto, porque o nosso antagonista farense não sabe e não pode responder satisfatoriamente aos nossos argumentos; dá como provado o que ainda não provou, fuge ás nossas interrogações desfigurando desgraçadamente o que uma vez disse, emfim baralhando a questão por maneira que mostra não ter outro intuito senão deitar poeira nos olhos de quem não lhe conhece verdadeiramente os fins.

Estes são, n'uma palavra, contrariar a pretensão dos habitantes da capital do districto que requereram á camara a feita *immediata* dos dois mercados na doca do rio que banha a cidade.

Tal era o desejo, não só dos representantes como tambem o plano da grande maioria da respectiva vereação e em que se firmou a consulta dos 40 maiores contribuintes sobre a concessão de mais 5% a beneficio da receita municipal.

Pouco nos importa saber quem são os donos e quaes são os restantes defensores dos decantados *quintalejos*, que promovem no nosso contradictor taes sanhas de Attila destruidor. Nós, defendemol-os unicamente porque o custo das suas expropriações—e dos predios contiguos—representa uma verba de muitos contos de reis que, junta aos 6.500.000 réis da venda do actual mercado de hortaliça, pode tornar exequível a vontade dos moradores de Faro, com aformoseamento da praça D. Francisco Gomes e sem prejudicar a regularidade das edificações da rua 1.º de Dezembro. E' isto e nada mais.

Não falamos na conveniencia da reunião dos dois mercados n'um mesmo local, o que nos parece ser mais commodo para o publico que a elles concorre.

Dirigindo-se-nos especialmente, o mesmo jornal accusa-nos de apresentar citações latinas erradas. Não lhe conhecemos verdadeiramente os erros; mas emfim, como ellas não se referiam á questão, mas sim á habilidade do nosso antagonista, aquellas não prejudicam de forma alguma a força dos nossos raciocinios, a que não responde. E diz entretanto: "*quer que punhamos para ali os pontos nos i.*"

Effectivamente, como affirmamos, não lêmos nas entrelinhas, nem tão pouco nos fazemos desentendidos, porque analysamos um ponto de utilidade geral que não é do jogo particular de quaesquer interesses reservados pró ou contra as lamas ou os quintalejos, e sobre o qual não devem tecer-se mysterios de palavras ou de sentido, cumprindo haver toda a precisão e clareza para elucidar convenientemente o publico. Lemos os artigos da folha a que nos reportamos, e sobre a *lettra* d'elles bordamos os nossos commentarios, que não podem ser mais infelizes com respeito á consistencia do pensamento que desorienta de numero para numero escriptos. Ha por acaso entrelinhas? De longe não as podemos ver; e são mesmo inadmissiveis quando se trata d'assumptos serios.

Mas passemos a observar como o jornal farense põe os pontos nos i.

Acerca do mercado de hortaliças, elle não prometeu provar que é "um bom negocio para a camara, negocio de resultados seguros e que não offereçam duvida alguma." Sómente prometeu demonstrar que o seu prolongamento não importaria encargos alguns para as finanças municipaes. *E ainda não o provou.*

Sobre a transferencia dos mercados de Lisboa, do Porto e de Paris, respondemos já sufficientemente e sem receber contestação. Pois Faro, com um só mercado pode lá comparar-se a cidades onde *ha mais* e em que por consequencia um d'elles pode ser abandonado em beneficio d'outro ou d'outros?

O mais que sobre este ponto affiança ter provado, *não o provou disse-o apenas* gratuitamente sem o confirmar com razões, com a mesma liberdade que todo o individuo possui para escrever factos verdadeiros ou destemperados. E a conclusão é ainda mal deduzida: pois que, se os mercados publicos tem de ser considerados pelo lado economico, tornando-se a sua elegancia uma questão meramente secundaria", justo é que se remova o de hortaliças do logar que hoje occupa e em que prejudica a apparencia vistosa da praça onde está situado, assim como o seu prolongamento iria ferir o da rua 1.º de Dezembro.

A proposito do mercado de peixe actual, que lamentosas queixas formula o nosso contradictor sobre a sua transferencia para o novo local pretendido na doca! Qual erro palmar? qual louco desperdicio? qual indignação geral? quaes pedras da calçada a levantarem-se? Está por certo rindo connosco suppondo nos completamente ignorantes da pessima situação, da porcaria incommodativa e d'outras circunstancias que concorrem para o condemnar. Sustenta que não se encheu por completo em occasião alguma; pois nós sabemos o contrario, succedido ainda ha bem poucos dias. Mas, ainda que assim fosse, só esse facto seria bastante para impedir a sua deslocação, auctorisada pelas más condições que acabamos de mencionar?

Applicamos-lhe a sua citação:—*Corydon, Corydon, quae te dementia cepit!*

Voltamos outra vez ao mercado de hortaliças, já que a folha farense repisa tambem a questão fora do logar que lhe tinha consagrado.

Ella é de opinião, franca, rasgada, que o augmento do actual mercado se faça á medida que as condições do consumo publico o forem exigindo." Mas estas exigem-no já imperiosamente. Quer dizer: hoje expropriar-se ha um quintalejo, amanhã outro, depois d'amanhã outro, e assim continuando até chegar aos predios! E' loucura ou troça? Não se pode apreciar d'outra maneira o alvitre, tão disparatado elle é, tão contrario aos seus principios de uma boa administração elle se offerece á admiração publica!

Mas, acrescenta, se se optar por obra radical e completa, deve fazer-se no local que presentemente occupa. Qual é o motivo em que se apoia para o asseverar? E' que

qualquer loja que subejar... não ficará desoccupada, ao passo que na doca nem Santo Antonio as arrendaria para prégas aos peixinhos. Santo Deus! que barbaridade de presumpções e que miseria de argumentação!

O dever d'officio devia ser o do nosso antagonista provando o que promette provar, não fazendo insinuações acerca da rectidão dos que não adoptam as suas ideias evasivas, não agredindo a independência dos que militam em campo adverso n'esta materia, não se pretendendo impor pela sciencia que não possui no assumpto contra os verdadeiros conhecedores d'elle. E bem assim a boa administração não é a que se furta a dispendendo em beneficio geral, mas aquella que prepara os melhoramentos sem avareza, sabendo que d'elles resultarão proveitos seguros n'um futuro immediato, que virão recompensar a generosidade dos encargos a que se submetteu para o maior bem estar da collectividade que dirige.

Quanto ao illustre cavalheiro a quem por mais d'uma vez nos temos referido com o merecido louvor, a nossa consciencia fica tranquilla de receios, porque elle bem reconhece a sinceridade das nossas allusões, a despeito dos incommodos mores que tenhamos podido accusar á proficiencia e inteireza do nosso contradictor.

Arrombamento e roubo

No fim do passado mez de agosto achava-se na Armação da Abobora, onde era companheiro, Joaquim dos Santos Pereira quando lhe foram participar que a sua casa nas Cabanas da Conceição fora assaltada pela gatunagem que aproveitara a ausencia do dono. Vindo verificar achou effectivamente que a porta tinha sido arrombada, tendo-lhe sido roubado tudo quanto possuia de porta a dentro, roupas, dinheiro e joias, deixando-lhe apenas os moveis. Fez a competente participação ao administrador do concelho que ordenando varias diligencias e participando a outras auctoridades conseguiu que fossem capturadas em Villa Real: Maria da Conceição Pereira (irmã do roubado) e Claudina da Saude (receptadora) e na Ilha Cristina; Ignacio Godinho dos Santos, exposto, amante da Claudina e, como esta, connivente no crime.

Não haviam porem, conseguido deitar a mão ao principal auctor. Francisco José Pedro, conhecido pelo Africano, evadido da cadeia d'Olhão e de longo cadastro policial. Depois de varias pesquisas sem effeito foi este finalmente preso por uns camponeses no sitio da Fonte Salgada sendo internado na cadeia civil, e apprehendendo-se-lhe varias peças de vestuario, dinheiro e uma faca de matto. A auctoridade conseguiu rahaver os objectos roubados com excepção de algum dinheiro e joias a que o Africano já havia dado destino.

BOLETIM POLITICO

As Côrtes tiveram ha dias nova prorrogação. Mas, por mais que o governo deseje fazer approvar ainda certos projectos que lhe merecem especial affecto, não falta quem diga que talvez já se não consiga numero para funcionarem as camaras. O proprio presidente da camara electiva já foi d'abalada para as suas themas habituaes.

Vários d'esses projectos passaram na Camara dos Deputados, em sessões prorrogadas, com uma velocidade digna de melhores assumptos. Affirmava-se, porém, igualmente, que, importando todos elles augmento de despêsas, não chegariam sequer a ser discutidos pela Camara dos Pares, mesmo se ella continuasse a reunir. A previsão falhou: têm reunido e têm approvado tudo.

E sobre este ponto gira, a esta hora, a roda politica. De resto, profunda calmaria.

Os nossos illustres demócratas é que não gostam de aguas mansas. Não se sentem bem com este governo fleugmatico do sr. Wenceslau de Lima, que não faz perseguições, que não inventa pavorosas, que não prohibe comícios, que não põe a ferros de el-rei os terríveis caudillos da ideia sagrada...

A chegada do sr. João Franco a Lisboa ainda lhes trouxe um vislumbre de esperanza. Mas como até o antigo dictador se apressou a fugir da cidade de mármore, para se ir refugiar nas suas hortas do Alcaide, onde não sopram tão violentas ventanias revolucionarias, os nossos homens voltaram as suas vistas para Hespanha, abarcando assim a Peninsula toda nos seus sonhos de libertação... Nada menos.

Estão alli accusados, por causa dos successos de Barcelona, dois nomes de grande popularidade: Sol y Ortega, senador e homem de rara energia e alto espirito, e Francisco Ferrer, propagandista enragé do ensino laico e racionalista, que já esteve preso por occasião do attentado da calle Mayor contra Afonso XIII.

Pois collocados na balança os dois nomes, os nossos liberaes exaltados decidiram libertar Francisco Ferrer, ageitando as mãos na bocca em forma de porta voz e gritando de cá a Antonio Maura que ponha o propagandista immediatamente na rua. Sol y Ortega, esse, que o leve o diabo para a sua côrte de logar incerto, porque, com o inverno á porta, não deve ser de todo má uma temporada n'aquella estancia de abrazadas tradições...

Mas a que vem todo este ruido, de perferencia por causa de Ferrer? Não o comprehendemos bem. A sympathia pelos perseguidos é sempre um acto nobre. A piedade, ainda pelos maiores criminosos, é sempre louvavel.

Mas nem Ferrer ainda foi julgado nem nós sabemos que grau de

responsabilidade lhe cabe nos acontecimentos da Catalunha. De modo que nos parece extemporaneo o movimento de alarme que vae por este paiz fóra, em Evora, em Aveiro, em Leiria, aqui, alli e acolá, onde os nossos demócratas fazem comícios, levantam protestos, redigem telegrammas e externam toda a sua indignação contra a prisão do propagandista hespanhol.

E, afinal, quem é Ferrer? Um homem que, depois de se converter ao Livre Pensamento, convertendo, em seguida, tambem, uma opulenta viuva que lhe deixou uma fortuna colossal, fundou em Barcelona a famosa Escola Moderna e deu o maior impulso ao ensino laico, afinal muito louvavel se o não azougassem ideias destruidoras contra o existente...

Um grande pensador? Um grande espirito? Um d'estes homens excepcionaes, destinados a levantar a seu favor, de paiz a paiz, a solidariedade humana? Não. Apenas um ardente propagandista da anarchia.

E para nós, que somos apostolos tambem da solidariedade humana, tanta piedade ou sympathia nos merece Francisco Ferrer como todos os outros cidadãos obscuros, sem nome internacional, que possam estar injustamente nas mas morras inquisitoriaes de Montjuich.

A pedir piedade, a pedir justiça — teriamos de a pedir para todos: tanto para aquellos que vestem apenas uma blusa de artifice, safada e humilde, como para Francisco Ferrer, apesar dos seus cheques e das suas notas de banco...

Mas o sr. Wenceslau de Lima, cá em Portugal, não dá motivo a grandes indignações e com alguma coiza a exaltada democracia ha de ir entretendo a calmaria d'este verão abençoado, que até vae beneficiando os campos de quando em vez, com algumas chuvadas providencias... Ahi está porque este caso Ferrer anda na ordem do dia. Porque não ha outro de que lançar mão...

E até nós — vá lá a confissão do peccado — nos tivemos de agarrar tambem a elle, á falta de melhor assumpto.

Bartholomeu Alibeaud

Passa hoje o anniversario natalicio d'um nosso velho e muito estimado amigo, antigo companheiro de lides escolares no lyceu de Faro onde foi, no seu tempo, um dos estudantes mais illustres, obtendo classificações distinctas em quasi todas as disciplinas que cursou. Alem de estudante muito distincto esse rapaz — Bartholomeu Hilarion Alibeaud — era de tão nobre caracter que, apesar de ser muito moço ainda, já por elle se impunha em consideração e sympathia a collegas e lentes, merecendo de todos especial deferencia quer no trato pessoal quer no exercicio das aulas. Era muito intelligente e a sua lucida intelligencia servia-lhe uma ardente paixão por novas ideias sociaes, sendo leitor assiduo

dos jornalistas e dos escriptores mais avançados. Era, enfim, um revoltado e essa feição do seu espirito herdou-a de seu pae, um engenheiro francez que tivera saliente interferencia na revolução communista de Paris e que, expulso de França, viera residir para o nosso paiz, fixando-se em Pombal onde, crêmos, nasceu Bartholomeu Alibeaud.

Orfão de paes em muito tenra idade, ficou a sua edacação ao cuidado de uma sua tia residente em Faro e para esta cidade veio estudar enquanto em Pombal uns tutores lhe administravam alguns bens herdados.

Bartholomeu Alibeaud cursou o lyceu de Faro até ao 5.º anno que completou, pouco mais ou menos, no anno de 1895. N'este anno lectivo a sua vida foi mais accidentada, as suas frequencia e conduta escolares perderam um pouco do esculpido cumprimento que tinham tido até ali e, como tivesse suscitado alguns conflictos com professores e mesmo a sua vida familiar não decorresse com a relativa tranquillidade em que se mantivera até aquella data, mudou para o lyceu de Coimbra que frequentou mais um ou dois annos, mas não sabemos com que aproveitamento. Recordamos nos que depois da sua retirada para Coimbra ainda veio uma vez ao Algarve, visitando-nos em Tavira onde já nos encontramos depois das lides lyceaes e bem lembrados estamos que essa visita foi tambem a 19 de setembro, dia dos seus annos. Depois partiu e nunca mais o vimos nem d'elle soubemos noticias.

Quem isto escreve foi amigo intimo de Bartholomeu Alibeaud e tambem seu condiscipulo em varias aulas. D'essa amizade e d'essa camaradagem temos uma muito saudosa recordação e tanto mais saudosa quanto é certo que nada sabemos do paradeiro d'esse velho amigo com quem iniciámos as nossas divagações jornalisticas e litterarias e que muitos dos seus condiscipulos julgam já, não sabemos se com fundamento ou não, na paz inalteravel da morte.

Muito de preposito escrevemos estas linhas na esperanza de que alguém que nos leia possa indicarnos alguma cousa de certo no paradeiro d'esse intelligente estudante e tão estimado amigo que agora nos foi lembrado pelo dia dos seus annos e que desejavamos ainda abraçar com a particular amizade que sempre nos me receu.

Para 1910 ALMANACH DE LEMBRANÇAS ALMANACH DAS SENHORAS ALMANACH ILLUSTRADO

Já estão á venda no estabelecimento de JOSE MARIA DOS SANTOS—TAVIRA.

mandou revestir essa porta de um arco composto de duas magnificas columnas de ordem jonica e cimalha corrida, sobre a qual assenta um nicho em que mandou collocar a imagem de S. Thomaz d'Aquino, em rico marmore branco, obra do celebre escultor italiano Fabri.

Chegados á muralha, indiquei ao meu amigo um buraco nella praticado:

—Sabe o que esse buraco significa? —Sei lá! Algum balazio que por aqui andou a fazer das suas...

—Esse buraco quer dizer que no seu logar esteve uma pedra...

—E' razoavel e é mesmo muito justo — respondeu o meu amigo, mostrando-se cada vez mais desconfiado da inteireza das minhas faculdades mentaes.

—E que conclue d'ahi?

—Ora... Que a tal pedra foi arrancada, ou porque não fazia aqui falta, ou porque era precisa noutra parte...

Aconteceu aqui talvez o mesmo que ao aqueducto de Paredes, cuja pedra o Chula foi buscar uma noite, porque lhe era precisa para a porta

Catastrophe do Ribatejo

Tendo a commissão encarregada de angariar donativos para as victimas sobreviventes da catastrophe do Ribatejo encerrado os seus trabalhos, vem por este meio paten-tear a sua gratidão para com todas as auctoridades, corporações, sociedades e demais entidades que, directa ou indirectamente, cooperaram para o bom exito da sua missão.

A todos, sem excepção, que contribuíram com o seu obolo para socorrer os desgraçados sobreviventes da horrivel catastrophe, deixamos aqui consignada a viva expressão do nosso eterno reconhecimento.

A imprensa local, sempre solícita e benevola nas suas apreciações e que tão gentilmente se prestou á publicação de varias noticias referentes ao assumpto, temos o maximo prazer em lhe apresentar os nossos sinceros agradecimentos

Por deliberação da commissão na sua ultima sessão resolveu-se que dos 381\$245 réis, importância total adquirida, se destinassem 150\$000 para Salvaterra de Magos e 229\$085 réis para Benavente, devendo remetter-se estas quantias, em vales do correio, aos respectivos presidentes das camaras municipaes para lhes darem a devida applicação, dando-se ao mesmo tempo conhecimento das remessas aos administradores dos concelhos e governador civil do districto; o que já se levou a effecto, tendo os destinatarios accusado em officio a recepção das mencionadas importancias, e, n'esta conformidade se publicam as contas:

RECEITA	
Producto do bando precatório.....	55\$295
Idem das subscrições parciaes.....	229\$816
Idem do sarau promovido pelas senhoras.....	96\$195
Somma.....	381\$245
DESPEZA	
Donativo para Salvaterra de Magos..	150\$000
Dito para Benavente.....	229\$085
Sellos e premios dos vales do correio.....	20160
Somma.....	381\$245

Tavira, 15 de setembro de 1900.
O Presidente da Commissão,
Vasco Pereira de Campos.

No proximo numero publicaremos a relação dos srs. subscriptores.

EXPLICADOR

José Joaquim da Costa Macedo, professor particular d'ensino secundario em Faro, habilita para exame de qualquer das secções do lyceu alumnos externos, singularmente ou em classe; bem como prepara os internos de todas as classes com as lições que hão de dar no dia immediato.

Habilita igualmente em mathematica e sciencias os alumnos externos para exame do curso complementar nos lyceus centraes.

do forno. Sei lá! Algum Chula algarvio que tinha o forno sem porta...

Tive um gesto de generosa condescendencia para a ignorancia do meu amigo e expliquei-lhe com uma solemniidade cathedraica que o fez rir muito:

—Pois saiba que a pedra que d'ahi foi arrancada é nem mais nem menos do que um monumento historico de incalculavel valor. E' uma lapide com inscripção que prova a existencia do *sevirato* em Ossoñoa, capital do Algarve no tempo da dominação romana...

A inscripção diz:
(O meu amigo pôs a luneta sobre a figura assymetrica do seu illustre nariz.)

M. CORNELIUS ERIDANVS. G. IYNIYS.
RECEPTVS. OB HONOREM IIIIVIR.
D. S. P. DD.

Quer dizer:
«Marco Cornelio Eridano e Gaio Junio Recepto, pela honra do *sevirato*, dedicaram esta lapide á sua custa.»
(Continua.)

FOLHETIM D'O "HERALDO,"

RODRIGUES DAVIM

26 HORAS NO ALGARVE

Costumes, paisagens, riqueza, historia e tradições

I

Intra-muros

—E' esta humidade tennissima e quasi insensivel que começa a polvilhar-nos o fato, especie de cacimba africana que, apanhada a pé quado, se infiltra no corpo, e o menos que pode produzir é uma camada de reumatismo de nos lambar os ossos...

—Homem, isso é que não é brincadeira, disse o Luis aconchegando as abas do varino e batendo os pés no lagedo dos adarves. Vamos então d'aqui...

—Vamos; mas agora por outro caminho, que ainda dentro destas muralhas venerandas lhe quero fazer

uma observação muito particular e muito cá do intimo.

—Vossê está-me abi com uns modos mysteriosos que me fazem especie. Desembuche, homem, e, se for coisa em que eu lhe possa valer, já sabe que não tem mais que ordenar...

—Obrigado. Conheço a sua generosidade que a nenhum dos que cultivam a sua amizade é estranha. Não se trata, porem, de salvar homem da forca, senão de lastimar uma desgraça que parece já não ter remedio, desgraça de que estão sendo victimas os nossos brios de aguedenses, o nosso amor proprio, a nossa prosapia, se quiser, e de que é causador — *horribile dictu!* — um illustre terrâneo nosso, e cúmplices muitos outros...

—Um terrâneo?...

—E dos mais illustres!

—E cúmplices...

—Muitos terrâneos tambem, e vossê é um delles...

O meu interlocutor arregalou muito os olhos, meneou expressivamente a cabeça e acudiu:

—O doutor, palavra de honra que,

se vossê não fosse d'Agueda, havia de dizer que estava maluco...

Confesso que me ia fazendo irritar o conceito do meu amigo, mas logo me contive, por ver que elle não podia adivinhar a razão do meu queixume.

Assim longe, de responder com agravo a agravo, tomei-lhe a mão, e abaixando um pouco a voz, disse-lhe: —Vossê guarda segredo no que lhe vou dizer?

—Dou-lhe a minha palavra de homem honrado.

—Pois acompanhe-me.

Descemos então da muralha; saímos do recinto pela porta do mar e, torneando a cidadella, dirigimo-nos ao Arco da Villa.

Ahi, de novo conduzi o meu amigo á muralha, hoje exteriormente revestida por edificações modernas.

O arco da Porta da Villa, nada conserva actualmente do seu antigo aspecto militar.

O santo Bispo D. Francisco d'Avellar, a quem o Algarve deve notabilissimos melhoramentos, no intuito de aformosear a magnifica praça a que o Senado farense deu a nome,

